

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p><b>PSICO</b></p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623   ISSN-L: 0103-5371</p>
<p><a href="http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.38781">http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.38781</a></p>	

SEÇÃO: ARTIGO

## Jeitinho Brasileiro: desenvolvimento de uma medida ipsativa baseada em historietas

*Brazilian jeitinho: developing an ipsative measure based on daily stories*

*Jeitinho brasileiro: desarrollo de una evaluación ipsativa basada en historias diarias*

**Gustavo Henrique Silva de Souza<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-4046-9669](https://orcid.org/0000-0002-4046-9669)  
[souza.g.h.s@gmail.com](mailto:souza.g.h.s@gmail.com)

**Germano Gabriel Lima Esteves<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-1851-4603](https://orcid.org/0000-0002-1851-4603)  
[germanoesteves@univ.edu.br](mailto:germanoesteves@univ.edu.br)

**Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0002-0021-5963](https://orcid.org/0000-0002-0021-5963)  
[jorge.coelho@laccan.ufal.br](mailto:jorge.coelho@laccan.ufal.br)

**Nilton Cesar Lima<sup>4</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8933-9953](https://orcid.org/0000-0002-8933-9953)  
[cesarlim@yahoo.com](mailto:cesarlim@yahoo.com)

**Recebido em:** 4 ago. 2020.

**Aprovado em:** 14 mar. 2022.

**Publicado em:** 14 nov. 2023.

**Resumo:** Este estudo teve por objetivo desenvolver um instrumento para identificação de padrões comportamentais, baseado em situações reais do cotidiano relacionadas ao Jeitinho Brasileiro, que mapeia a tomada de decisão em diferentes contextos sociais. Foram desenvolvidos dois estudos que exploraram o fenômeno. No estudo 1, descreve-se a construção de uma escala de medida ipsativa, de escolha forçada, composta por 11 historietas de situações cotidianas e desfechos que exigem tomadas de decisão. No estudo 2, testa-se o instrumento desenvolvido em uma amostra de 480 participantes. A análise confirmatória de escalonamento multidimensional evidenciou um modelo bidimensional de duas dimensões polarizadas: (1) orientação positivo-negativo (assertivo/malandro) e (2) disposição passivo-ativo (negligente/criativo). A operacionalização de uma medida ipsativa demonstrou uma opção funcional alternativamente à escala tipo *Likert*, possibilitando a mensuração psicológica para comparação interindividual. O estudo, portanto, fornece uma ferramenta empírica complementar em uma perspectiva específica para os comportamentos cotidianos sob a ótica do Jeitinho Brasileiro.

**Palavras-chave:** jeitinho brasileiro, historietas, escolha forçada, medida ipsativa

**Abstract:** This study aimed to develop an instrument to identify behavioural patterns based on real everyday situations related to the Brazilian *Jeitinho*, which maps decision-making in different social contexts. Two studies were developed to explore the phenomenon. In study 1, the construction of an ipsative measurement scale (forced-choice) is described, composed of 11 daily stories about real situations and outcomes that require decision-making. In study 2, the instrument developed was tested in a sample of 480 participants. Confirmatory multidimensional scaling was carried and showed a two-dimensional model with 2 polarized dimensions: (1) positive-negative orientation (assertive/*malandro* or rascal) (*malandro* is like slippery and naughty people) and (2) passive-active disposition (negligent/creative). The operationalization of an ipsative measure demonstrated a functional option as an alternative to the Likert-type scale, enabling psychological measurement for inter-individual comparison. The study, therefore, provides a complementary empirical tool in a specific perspective for everyday behaviours from the perspective of the Brazilian *Jeitinho*.

**Keywords:** Brazilian jeitinho, stories, forced-choice, ipsative measurement

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo desarrollar un instrumento para identificar patrones de comportamiento, basado en situaciones cotidianas relacionadas con el "jeitinho" brasileño, que mapee la toma de decisiones en diferentes contextos sociales. Se desarrollaron dos estudios que exploraron el fenómeno. El estudio 1 describe la construcción de una escala de evaluación ipsativa (elección forzada), compuesta de 11 historias de situaciones cotidianas y desenlaces que requieren la toma de decisiones. El estudio 2 prueba el instrumento desarrollado en una muestra de 480 participantes. El escalamiento multidimensional



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Teófilo Otoni, MG, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, GO, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

mostró un modelo bidimensional con 2 dimensiones polarizadas: (1) orientación positiva-negativa (asertivo/bribón) y (2) disposición pasivo-activa (negligente/creativa). La operacionalización de una medida ipsativa demostró una opción funcional alternativamente a la escala tipo Likert, permitiendo la medición psicológica para la comparación interindividual. El estudio, por lo tanto, proporciona una herramienta empírica complementaria en una perspectiva específica para los comportamientos cotidianos desde la perspectiva del "jeitinho" brasileño.

**Palabras clave:** jeitinho brasileño, historias, elección forzada, evaluación ipsativa

O interesse relacionado aos antecedentes e consequentes dos comportamentos conexos ao Jeitinho Brasileiro indica que aspectos empíricos podem levar à conjunção de uma possível teorização. Analisado por diferentes vieses, em âmbito histórico-sociológico (Almeida, 2007; Moraes et al., 2016), político (Leichsenring, 2014), gerencial e organizacional (Amado & Brasil, 1991; Fernandes & Hanashiro, 2015; Flach, 2012; Freire et al., 2018; Lima et al., 2016; Pereira, 2015; Souza et al., 2014), jurídico (Zimmermann, 2009), o Jeitinho encontra na psicologia uma explicação alinhada a constructos de ordem cognitiva e disposicional (Fernandes et al., 2015; Ferreira et al., 2012; Miura et al., 2019; Pilati et al., 2011).

Nesse contexto, pesquisas vêm testando diferentes instrumentações para o mapeamento de atitudes, crenças e prospecções frente aos comportamentos do Jeitinho (Ferreira et al., 2012; Barlach, 2013; Fernandes & Hanashiro, 2015; Miura et al., 2019). Esses estudos direcionam o constructo para um conjunto ou associação de comportamentos multifacetados (favores, simpatia, compensação, improviso, quebra de normas, malandragem), com características idiossincráticas de inteligência interpessoal, criatividade e adaptabilidade, utilizadas no controle de situações e na resolução de problemas, baseando-se estritamente em objetivos pessoais dentro do contexto social.

Apesar disso, constructos influenciados por fortes fatores culturais, como o Jeitinho, a informalidade, a empatia interpessoal, demonstram ambiguidade e padrões pouco definidos e acompanham a sua universalidade (Hofstede et al., 2010; Nishioka & Akol, 2019; Ramirez-Esparza et al., 2008). Mais especificamente, os compor-

tamentos atribuídos ao Jeitinho se apresentam conforme o contexto vivenciado, isto é, dependem das circunstâncias e do ambiente a que um indivíduo está submetido.

De tal modo, este estudo objetiva desenvolver um instrumento para o mapeamento de tomadas de decisão individuais relacionadas ao Jeitinho Brasileiro nos diversos contextos sociais. Diferente dos instrumentos que atuam no mapeamento das percepções relacionadas ao uso do Jeitinho por outras pessoas (Ferreira et al., 2012), na identificação das estratégias comuns atribuídas ao Jeitinho (Fernandes & Hanashiro, 2015), ou no endosso a características individuais que potencialmente predizem comportamentos associados a esse constructo (Miura et al., 2019), propõe-se uma medida que analise o Jeitinho a partir do próprio comportamento do respondente, preenchendo uma lacuna sobre a avaliação autodescritiva deste tipo de comportamento. Considera-se aqui uma explicação teoricamente fundamentada e compreendida sob a evidencição empírica e do rigor metodológico – ainda que uma explicação pautada na instrumentação possa ser considerada limitada.

### *Bases teóricas do Jeitinho Brasileiro*

O Jeitinho Brasileiro tem se definido como um fenômeno que comunga bases teóricas antropológicas, sociológicas e psicológicas. Enquanto comportamento, o Jeitinho apresenta funções ou objetivos fundamentados na sua origem histórico-cultural (Barbosa, 2006; DaMatta, 1990; Zimmerman, 2009), geralmente adaptações cognitivas coletivas (Gächter & Schulz, 2016). Dentre essas funções ou objetivos, destacam-se: cativar favores, conseguir compensações, facilitar situações, criar atalhos, contornar dificuldades, evitar burocracias, burlar fiscalizações, controlar as coisas, demonstrar poder, resolver problemas, obter vantagens (Almeida, 2007; Duarte, 2011; Ferreira et al., 2012; Motta & Alcadipani, 1999; Pilati et al., 2011; Vieira et al., 1982).

Especificamente, segundo Duarte (2006), o Jeitinho é um mecanismo social característico da cultura e envolve a quebra de regras, leis ou

padrões. É um processo informal particularmente útil para as necessidades cotidianas como estratégia “*get things done*” – em tradução livre: fazer as coisas acontecerem. Configurando-se como psique coletiva, as práticas sociais informais efluem da sociedade, de sua cultura, seus costumes, linguagens e atributos éticos e morais (Ramirez-Esparza et al., 2008). Nessa linha de pensamento, Zimmermann (2009) analisa que o “jeitinho” pode estar ligado à miscigenação de diferentes culturas.

Para diversos autores (Almeida, 2007; Barbosa, 2006; Fernandes & Hanashiro, 2015; Ferreira et al., 2012; Gnoato, 2014; Pilati et al., 2011; Miura et al., 2019), o Jeitinho é um comportamento ambíguo, universal e multifacetado, que se apresenta ora positivamente (quando na forma de simpatia), ora negativamente (quando na forma de trapaça). Ferreira et al. (2012) defendem a proposta de que o Jeitinho se estabelece em um *continuum* entre o favor (polo positivo) e a corrupção (polo negativo).

Por sua vez, Gnoato (2014) acredita em graus fronteiriços entre os conceitos de favor, informalidade, malandragem e corrupção. Para o autor, o favor, a simpatia e a informalidade levam ao Jeitinho. O Jeitinho, a criatividade e a malandragem levam à corrupção. O Jeitinho é demonstrado como um comportamento desviante e transgressor – divergente às normas sociais (ver Velho, 2003). Gino e Ariely (2012) evidenciaram que a criatividade se apresenta um preditor efetivo de comportamentos antiéticos, em que o comportamento criativo (ativo) seria um catalisador para a desonestidade.

Em outra linha de pensamento, o constructo se subdividiria em: Jeitinho simpático (baseado em confiança, permissividade e negligência) e Jeitinho malandro (baseado em controle, criatividade e trapaça) (Miura et al., 2019). A concepção de graus subjacentes à simpatia e à malandragem pressupõe adaptação cognitiva. Basicamente, ao passo que um indivíduo efetiva comportamentos desonestos, como omitir (ação passiva) ou mentir (ação ativa) para agradar ou sair de um problema, o cérebro se adapta e torna o próximo comportamento desonesto mais confortável, diminuindo a ansiedade e a sensação de culpa

(Garrett et al., 2016). Isso reforça a premissa de que, progressivamente, o Jeitinho levaria à corrupção (Fischer et al., 2014).

Ademais, a existência de tipos de comportamento implica no agrupamento de práticas sociais comuns e relacionadas. Por exemplo, DaMatta (1990) conjectura que os brasileiros poderiam ser classificados conforme estilos comportamentais: (a) aqueles que cantam (grupo de malandros e indivíduos adaptativos, regidos pela informalidade), (b) aqueles que rezam (grupos de religiosos, regidos pela fé e por normas da igreja), e (c) aqueles que trabalham (a sociedade pragmática, regida por leis, normas sociais e padrões morais e éticos). Noutra proposta, Fernandes e Hanashiro (2015) indicam cinco traços centrais colineares na sociedade brasileira: hierarquia, ambiguidade, malandragem, sociedade relacional e Jeitinho.

De acordo com Pedroso et al. (2009, p. 103), isso não significa que todos os brasileiros “façam uso do Jeitinho, mas, sim, que todos, em algum momento, acabam tendo contato com essa prática, ora de forma ativa, ora de forma passiva”, sob caráter positivo ou negativo em diferentes contextos. Gnoato (2014) corrobora esse raciocínio, argumentando que, diferente de crime ou doença mental, o comportamento contrário aos padrões morais e às normas sociais é comum a maior parte das pessoas. Duarte (2011), inclusive, alega que o uso de simpatia, quebra de normas sociais e trapaça não são práticas somente brasileiras.

Nesse sentido, apresentar-se-ão a seguir dois estudos empíricos que consistem na construção (Estudo 1) e verificação de evidências de validade e dimensionalidade (Estudo 2) do instrumento proposto neste trabalho, as Historietas do Comportamento Brasileiro (HCBs).

## Estudo 1: construção das historietas do comportamento brasileiro (hcb)

### Método

#### Procedimentos Iniciais

Inicialmente, foram intuídas situações no for-

mato de historietas (narrativas curtas), que levariam um indivíduo a emitir a sua opinião (resposta em conclusão) ou tomar uma decisão, por exemplo: "Você está fazendo uma prova importante, mas não sabe a resposta de algumas questões. Percebendo que dá para enxergar as respostas da prova do colega da frente, o que você faz?". Aqui, avaliou-se como um indivíduo agiria em condições cuja prática do Jeitinho poderia ser utilizada estrategicamente.

Foram intuídas 10 historietas ativas (em que o próprio indivíduo realiza o comportamento consciente e criativamente) e 10 historietas passivas (em que o indivíduo permite que aconteça negligente e permissivamente), dentro de cenários cujas possibilidades de resolução poderiam evocar atitudes positivas (uso da empatia e de favores) ou negativas (uso de malandragem e corrupção).

### Participantes

Participaram da pesquisa 17 pessoas, das quais 9 (52,94%) do sexo masculino, com idade variando entre 18 e 69 anos (média de 34,71 anos; DP = 14,8), caracterizadas em: 3 professores, 4 estudantes universitários, 4 empresários, 2 aposentados, 2 jovens não estudantes, e 2 donas de casa. Em estudos qualitativos, para a condução de entrevistas, o tamanho amostral tende a atingir saturação com 9 a 17 participantes (Hennik & Kaiser, 2021).

### Coleta de dados

Os participantes que voluntariamente se dispuseram a participar da pesquisa foram abordados em seus locais de trabalho ou estudo, entre janeiro e fevereiro de 2017, na cidade de Teófilo Otoni-MG, e inquiridos a ouvir ou ler 10 historietas (cinco ativas e cinco passivas), indicando possíveis desfechos com base em suas próprias atitudes, crenças e preferências. Foram estabelecidos 2 (dois) diferentes roteiros com 10 historietas cada um, para 2 (dois) grupos de participantes, grupos A e B, respectivamente, com nove e oito participantes.

As entrevistas duraram, em média, vinte minutos, sendo gravadas e transcritas para um *corpus* de análise. Foi garantido o anonimato, o sigilo das respostas e o caráter voluntário da participação, por meio da concordância a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como o respeito às diretrizes éticas que regem a pesquisa com seres humanos (CAAE: 54144016.3.0000.5157).

## Resultados

### Testagem das historietas

Analisando-se as respostas à primeira historieta ativa sobre o comportamento em uma fila no banco, reportada na Tabela 1, percebe-se que o modo como as pessoas tomam decisões ora se assemelham, ora se diferem, dentro de graus ou níveis.

Conforme verificado, algumas respostas se apresentaram mais tolerantes em relação ao comportamento de furar a fila. Respostas que tentam justificar o próprio comportamento ocorrem, às vezes, de forma dissimulada, cognitivamente dissonante, talvez compreendida pelo medo de agir de modo socialmente inadequado (participantes 1A, 2A, 5A e 8A, utilizando-se de termos como "depende", "acho que eu iria", "só se ninguém perceber"). Esses comportamentos que denotam influência contingencial (participantes 1A, 2A, 5A e 8A) sugerem receio de vergonha em público ou punição – efeito da desejabilidade social.

Outras respostas são improvisadas, condescendentes, negligentes (participantes 4A e 6A, utilizando frases como "qualquer um iria"), criativas e planejadas (participante 9A, utilizando termos como "eu iria" ou "eu tento"). Também, há aqueles assertivos, equilibrados e prudentes em relação a esse tipo de comportamento, rechaçando a atitude de furar a fila (participante 3A, utilizando-se de termos como "não aceitaria" ou "de maneira alguma").

**Tabela 1** – Respostas às Historietas 1 (fila do banco) e 3 (normas da empresa)

Historieta Ativa 1	
"Você está há uma hora na fila do banco, quando percebe que um conhecido seu trabalha no banco. Ao te ver, ele te oferece a chance de passar à frente na fila. Independentemente da quantidade de pessoas na sua frente, o que você faz?"	
Participante	Respostas
1A	<i>- Depende de quem está na fila. Se eu ver que o pessoal pode brigar comigo, eu não vou, mas como o funcionário me conhece, eu vou.</i>
2A	<i>- Não acho tão certo, mas acho que eu iria escondidinho.</i>
3A	<i>- Eu não aceitaria, permaneceria no meu lugar. De maneira alguma eu aceitaria.</i>
4A	<i>- Odeio filas. Qualquer um iria, então, eu passaria na frente de boa.</i>
5A	<i>- Em hipótese alguma. Só se ninguém perceber o meu movimento e ele me receber sem atrapalhar o atendimento de ninguém.</i>
6A	<i>- Se ele me chamar eu daria um jeito de ir. Se fosse com outra pessoa, com certeza eu aceitaria. Estamos lá há uma hora. Então, realmente, se ele me chamar, eu vou.</i>
7A	<i>- Depende da situação. Talvez sim. Não sei.</i>
8A	<i>- Se não for de forma descarada, eu vou.</i>
9A	<i>- Eu iria. Na verdade, sempre que vou ao banco, eu tento ver se eu acho alguém conhecido, pra eu poder acelerar o meu atendimento.</i>
Historieta Passiva 3	
"Imagine que no seu trabalho, você viu um colega imprimindo material pessoal. É regra da empresa: utilizar as impressoras somente para atividades do trabalho. Como existe um controle, o gerente convocou uma reunião para discutir as regras de uso das impressoras e informou que o não cumprimento implicará em penalização. Como você sabe que seu colega fez a impressão e descumpriu a regra, como você reagiria?"	
Participante	Respostas
1B	<i>- Eu acharia normal, qualquer um faria o mesmo se estivesse precisando imprimir.</i>
2B	<i>- Deixaria quieto, cada um cuida da sua vida. Não falaria nada não.</i>
3B	<i>- Bom, quando a pessoa aceita um emprego em uma empresa, existe um manual de conduta, e cada um está ciente da responsabilidade e das consequências dos seus atos. Ele tem que pagar por isso. Então, se eu vir, com certeza eu falaria a verdade.</i>
4B	<i>- Acho que a empresa deveria ser mais compreensiva com os colaboradores. Às vezes, a pessoa está imprimindo material para se qualificar ou estudar e não tem impressora em casa. Não diria nada.</i>
5B	<i>- Ele agiu de forma incorreta. Acho que eu contaria ao chefe. Não sei, mas é reprovável.</i>
6B	<i>- Se fosse me prejudicar, eu falaria quem foi que descumpriu a regra. Se não, eu ficaria calado.</i>
7B	<i>- Eu não falaria nada, porque, já que o chefe criou a regra, o papel dele é fazer a fiscalização, não minha.</i>
8B	<i>- Ah, eu chamaria meu colega em particular e conversava com ele sobre o ocorrido.</i>

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Em sequência, analisando respostas à terceira historieta passiva relacionada às normas de uma empresa (Tabela 1), percebem-se padrões de resposta semelhantes à primeira historieta ativa – bem como a todas as demais historietas –, especialmente quanto à variação comportamental.

Conforme verificado, os participantes 3B e 5B (utilizando-se de frases como "ele tem que pagar por isso" ou "ele agiu de forma incorreta") pareceram apresentar um comportamento assertivo e conservador, não aceitando comportamentos desviantes e sentindo repulsa à atitude do cole-

ga. Por sua vez, o participante 6B (utilizando-se da frase "se fosse me prejudicar") pareceu mais preocupado consigo mesmo e se utilizaria de um comportamento de malandragem para se safar de um problema, ou utilizar o erro de outrem em benefício próprio.

Por outro lado, os participantes 1B, 2B e 7B (utilizando-se de frases como "eu acharia normal", "deixaria quieto" ou "eu não falaria nada") demonstraram abstenção, podendo ser interpretada como negligência e despreocupação com o problema do colega e da empresa – se não o afeta, não é problema dele. Em outra perspectiva, o participante 8B (quando pontuou que "conversava com ele sobre o ocorrido") demonstrou anseio em resolver o problema apresentado, permitindo a possibilidade de "dar um jeito" na situação, beneficiando a empresa e o colega (por meio da própria inventividade).

Apesar disso, as entrevistas mostraram que um mesmo indivíduo é suscetível a comportamentos multifacetados e demonstra ambiguidade e imprecisão no momento de tomar decisões. A depender da situação apresentada, um indivíduo pode apresentar ora um comportamento negligente, ora um comportamento criativo, ora um comportamento assertivo e burocrático, ora um comportamento malandro. Na Tabela 2, apresentam-se as respostas do participante 2B a diferentes situações que exemplificam essas multifaces. Embora seja perceptível a prevalência por um tipo de comportamento, as respostas tendem a variar em níveis e contingencialmente, por exemplo: um indivíduo que age de forma assertiva, em outro momento pode agir negligente ou criativamente, e talvez mais raramente de modo malandro.

**Tabela 2** –Análise das Respostas do Participante 2B

Situações	Respostas do Participante 2B	Comportamento Observado
Acidente de Trânsito	<i>- Eu chamaria a polícia. Claro que eu chamaria a polícia.</i>	Assertividade
Usar Impressora do Trabalho	<i>- Se o meu gerente deixar, eu uso a impressora.</i>	Negligência
Quebra das Normas da Empresa	<i>- Eu deixaria quieto, cada um cuida da sua vida. Não falaria nada não.</i>	Negligência
Pontualidade em Outro País	<i>- Eu ia achar estranho, pois no meu país não é assim que funciona, mas eu ficaria na minha.</i>	Negligência
Deixar de Furar a Fila no Cinema	<i>- Eu ia ficar pensando assim: Eu deveria ter ido.</i>	Malandragem
Comprar Produtos Piratas é Errado	<i>- Não. Muita gente não tem dinheiro para comprar original.</i>	Negligência
Cargo Público de Confiança	<i>- Depende. Poderia até aceitar, mas dependeria de vários fatores.</i>	Negligência
Colar em uma Prova	<i>- Provavelmente, eu vou dar um jeitinho de olhar a resposta do meu colega da frente, pra comparar com a minha. É como benchmarking<sup>4</sup>.</i>	Criatividade
Chegar atrasado ao Trabalho	<i>- Sei que não é certo mentir, mas eu também não quero perder o emprego. Eu vou dizer que perdi a hora e vou me desculpar de alguma forma.</i>	Negligência
Quebrar a Maçaneta da Porta do Condomínio	<i>- Eu vou até o Síndico, falo o que aconteceu e arco com os danos.</i>	Assertividade

**Fonte:** Dados da pesquisa. <sup>4</sup>Termo mercadológico que consiste em pesquisar sobre produtos, serviços e práticas do concorrente, visando comparar as atividades desenvolvidas da sua empresa com a empresa concorrente.

Na tentativa de padronizar as respostas dentro de traços latentes que as agrupassem, os termos

"negligente", "criativo", "assertivo" e "malandro" foram intuídos pelos autores com base nas ca-

racterísticas comuns que são genericamente representadas por esses termos. Por exemplo, o participante 2B priorizou comportamentos negligentes (p. ex., indiferença, omissão) e, em algumas situações, afirmou que agiria de forma assertiva (p. ex., moderado e prudente), em outras situações de forma criativa (p. ex., com engenhosidade e inventividade) ou malandra (p. ex., com malícia e dissimulação) – no sentido de tirar vantagem e de não desprezar as oportunidades de ser beneficiado. Ou seja, as respostas se manifestaram em níveis de preferência a determinados comportamentos, a depender da situação apresentada, cuja priorização a alguma tendência comportamental – como a negligência – poderia denotar um perfil ou estilo de tomada de decisão.

### *Tipos de comportamento*

Ao analisar os tipos de comportamento que emergiam das respostas de todos os participantes e na tentativa de categorização dos múltiplos comportamentos em conceitos padronizados, depreendeu-se que os comportamentos se apresentavam em características comuns e genéricas do cotidiano. Ainda, as características se apresentavam opostas, similar ao sugerido pela literatura (p. ex., Ferreira et al., 2012; Gnoato, 2014; Pedroso et al., 2009; Pilati et al., 2011; Miura et al., 2019), comportamento ora passivo (mais negligente e imprudente), ora ativo (mais proativo e premeditado), e em caráter ora positivo (mais conservador, comedido e assertivo) ou ora negativo (mais maleável, esperto e malicioso).

Sendo comumente mencionadas na literatura como características típicas do Jeitinho Brasileiro (Almeida, 2007; Amado & Brasil, 1991; Barbosa, 2006), depreendeu-se que esses quatro comportamentos principais poderiam definir operacionalmente as representações extraídas dos participantes do Estudo 1. A partir disso, foi estabelecida uma definição geral para cada um dos quatro tipos de comportamento, a saber:

**Assertivo.** Comportamento orientado por um forte senso moral, baseando-se na formalidade e com baixa aceitação a mudanças ou inovações sociais. O comportamento assertivo enseja res-

peitar a norma social/legal/institucional. Utiliza-se do Jeitinho na forma de favores que não prejudiquem a outrem.

**Negligente.** Comportamento passivo de descuido, desleixo ou imprudência, cuja conduta pode implicar possível risco para si ou para terceiros, estabelecendo-se pela omissão das consequências previsíveis da própria ação ou de outrem. Utiliza-se do Jeitinho geralmente na forma de pequenas mentiras – no formato de omissão ou falso pretexto/justificativa.

**Criativo.** Comportamento ativo que se configura por uma maneira, eficiente, proativa e criativa de agir, para controlar e facilitar situações, resolver problemas e contornar dificuldades. Utiliza-se do Jeitinho na forma de comportamentos de bricolagem, adaptabilidade e improviso – fazendo uso cauteloso de engodo ou ilusão.

**Malandro.** Comportamento orientado para a obtenção de vantagens em qualquer circunstância, usando-se de esperteza, astúcia, flexibilidade e mentira como meio de inserção social. O comportamento malandro enseja burlar normas sociais, legais e institucionais para controlar e facilitar situações. Utiliza-se do Jeitinho na forma de trapaça ou relações de poder, consciente de que pode vir a prejudicar alguém.

A partir dessas quatro tipologias comportamentais definidas, propõe-se um modelo explicativo para o Jeitinho Brasileiro. Os comportamentos criativos e negligentes traduzem como uma pessoa age em relação a uma situação, condicionando-se sob um viés disposicional, opostos em um *continuum* entre a disposição ativa e a disposição passiva. Os comportamentos assertivos e malandros traduzem como uma pessoa se norteia em relação a uma situação cotidiana – se visando apenas obter ou realizar favores ou se visando benefícios próprios ou vantagens por meio de trapaça, mesmo que gerem prejuízo a outrem –, condicionando-se sob um viés moral, ético ou legal, opostos em um *continuum* entre a orientação positiva e a orientação negativa.

### *Medida ipsativa*

Em termos operacionais, manter as historietas

no formato de questionário aberto limitaria a testagem empírica, o tratamento amostral e as possibilidades de análise. Por outro lado, utilizar uma abordagem escalar tipo *Likert* implicaria em uma provável e significativa influência da deseabilidade social – dada a própria natureza do constructo – e exigiria uma reestruturação da proposta e modificações no formato das historietas.

Ademais, Ferreira et al. (2012) se utilizaram de uma abordagem semelhante para mapear comportamentos relacionados ao Jeitinho Brasileiro, mostrando situações cotidianas já resolvidas, em que o indivíduo deveria indicar, em uma escala tipo *Likert* de 11 pontos, o quão provável o comportamento exemplificado poderia ser realizado por alguém. O uso de escalas tipo *Likert* também foi adotado nos instrumentos propostos por Pilati et al. (2011), Fernandes e Hanashiro (2015) e Miura et al. (2019).

Na tentativa de apresentar uma abordagem original, propôs-se a construção de uma medida ipsativa, no formato de escolha forçada multidimensional. A mensuração do Jeitinho apresenta dificuldades empíricas evidentes, visto que os comportamentos associados ao constructo tendem a se manifestar a partir de diferentes contextos. Essas diferenças individuais não seriam facilmente verificadas caso um participante, em uma escala tipo *Likert*, pontuasse baixos escores em todos os tipos de comportamento, não se posicionando. Na medida ipsativa, o respondente é condicionado a se posicionar.

A medida ipsativa é uma técnica de mensuração psicológica baseada na comparação interindividual, cuja escala requer pontuações interdependentes e a soma total das respostas para cada respondente é sempre a mesma (Meade, 2004). Os respondentes são submetidos a escolhas forçadas entre, pelo menos, duas afirmações (características) que representem diferentes traços latentes. Os traços latentes são indicados ou ordenados em preferência, traduzindo-se em conjuntos que indicam atributos psicológicos (Welter & Capitão, 2007).

Na medida ipsativa, a percepção e as priori-

dades representam o processo cognitivo que norteia a tomada de decisão e a estrutura latente dos constructos avaliados (Meade, 2004). Isto é, a medida ipsativa avalia o grau de alinhamento comportamental e psicológico de um indivíduo a um determinado tipo de situação ou característica – como a escala tipo *Likert* –, e avalia as variações desse alinhamento. A medida ipsativa identifica, concomitantemente, o traço latente mais forte e o traço latente mais fraco.

Embora a medida ipsativa não forneça dados normativos, não apresentando nível ordinal ou escalar, limitando o leque de análises estatísticas e de procedimentos de validação psicométricos, como a análise fatorial, visto que a matriz de correlação de medidas ipsativas é sempre negativa (Baron, 1996; Dunlap & Cornwell, 1994; Meade, 2004); Welter e Capitão (2007) defendem que este modelo diminui a influência da deseabilidade social sobre o autorrelato, reduz a inflação dos escores e apresenta parâmetros mais profícuos de validade de critério – em detrimento da escala tipo *Likert*.

### *Validade de conteúdo e semântica*

As historietas operacionalizadas no formato de medida ipsativa foram submetidas a um procedimento de análise de conteúdo (adequação das respostas aos traços latentes propostos) e semântica (inteligibilidade das historietas e seus itens). Procedeu-se à validade de conteúdo com oito juízes e à validade semântica com sete juízes, considerando os critérios estabelecidos por Pasquali (2013). Como resultado, foram excluídas 9 (nove) historietas.

### *Operacionalização das historietas*

O instrumento passou a ser operacionalizado como um teste ipsativo, composto por 11 historietas (situações do cotidiano) que exigem uma tomada de decisão, por exemplo: "Imagine que sua/seu namorada(o) foi irresponsável e quebrou a maçaneta do portão de seu condomínio, mas ninguém viu quem foi. O que você faz?".

Em seguida, quatro breves descrições de comportamentos em desfecho ou para a resolução

do problema são apresentadas: (a) Eu fico quieto. Se alguém perguntar, eu vou ter de assumir, né? (b) Eu vou tentar consertar a maçaneta e dar um jeito de ninguém perceber que quebrou. (b) Eu vou até o Síndico, falo o que realmente aconteceu e arco com os danos. (c) Não faço nada. E se perguntarem, eu digo que não sei de nada. Ninguém viu mesmo.

Assim, o respondente deve indicar em uma ordem de prioridade (1 a 4) o quanto cada comportamento se parece consigo: (4) mais parecido com você; (3) segundo mais parecido com você; (2) terceiro mais parecido com você; e (1) menos parecido com você. Cada resposta em conclusão considera, de modo padronizado, os quatro tipos de comportamento previamente extraídos do Estudo 1: Assertivo, Negligente, Criativo e Malandro.

## Estudo 2: evidências empíricas e parâmetros de validade do instrumento

### Método

#### Participantes

Participaram da pesquisa 480 pessoas, oriundas do Estado de Minas Gerais, dos quais 68,7% do sexo masculino e média de 32 anos de idade (amplitude de 18 a 66 anos;  $dp=8,56$ ).

#### Instrumentos

Os participantes foram requeridos a responder dois instrumentos de pesquisa: (1) Historietas do Comportamento Brasileiro (HCBs), contendo 11 historietas, respondidas em uma escala ipsativa de quatro pontos, conforme operacionalizado no Estudo 1; e (2) um questionário demográfico (gênero, idade, nível de escolaridade e localidade).

#### Procedimentos

A aplicação das HCBs foi dada por acessibilidade, com amostragem de conveniência não probabilística, cujo tamanho amostral seguiu parâmetros recomendados por Hair et al. (2019). Os participantes foram solicitados de forma individual, por meio das redes sociais, a responderem

ao questionário on-line, no período entre janeiro e dezembro de 2018. Foram seguidas as diretrizes éticas da pesquisa com seres humanos, o caráter voluntário, anonimato da participação e a concordância a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (CAAE: 52761616.7.0000.5588).

#### Análise dos dados

Para a análise dos dados, utilizou-se o *software* IBM/SPSS *Statistics* v.24.0 (Licença nº 60101171095). Para as análises efetuadas, consideraram-se os escores dos tipos de comportamento (assertivo, negligente, criativo e malandro) – soma dos itens de mesma categorização. Embora a medida ipsativa gere variáveis categóricas, pois não são fornecidos dados normativos, a soma dos itens da mesma categorização (variável latente) pode ser considerada escore de diferenças individuais. O escore individual para cada categorização comportamental é um valor métrico inteiro, possibilitando análises descritivas (média e desvio padrão) e inferenciais (ANOVA e correlação de *Pearson*) (Greer & Dunlap, 1997). Permite-se, ainda, a análise de padrões espacialmente subjacentes e interdependentes, por meio do Escalonamento Multidimensional (EMD).

Para identificar evidências de validade, procedeu-se ao EMD [PROXSCAL]. A análise foi executada considerando uma matriz de proximidade bidimensional (configuração *Simplex*), definindo-se as estruturas iniciais de (dis)similaridades com base no modelo teórico proposto. Em complemento, utilizaram-se estatísticas descritivas (p. ex., frequência, média, desvio padrão, intervalo de confiança de 95%).

### Resultados

#### Análise Confirmatória de Escalonamento Multidimensional (EMD) das HCBs

Para explicar a estrutura dimensional das HCBs, procedeu-se ao EMD. Com base nas estruturas iniciais de (dis)similaridades, o EMD evidenciou duas dimensões, com 720 proximidades ativas (Tabela 3). Os índices de qualidade do ajuste vali-

dam o modelo bidimensional, conforme definidos por Borg e Groenen (2005) e Lorenzo-Seva e ten Berge (2006). Os descritivos das HCBs evidenciam que os comportamentos Assertivos, Negligentes e Criativos obtiveram os maiores escores médios

(maior endosso), enquanto os comportamentos Malandros obtiveram maior rejeição (49,39% dos itens do comportamento malandro receberam o escore 1).

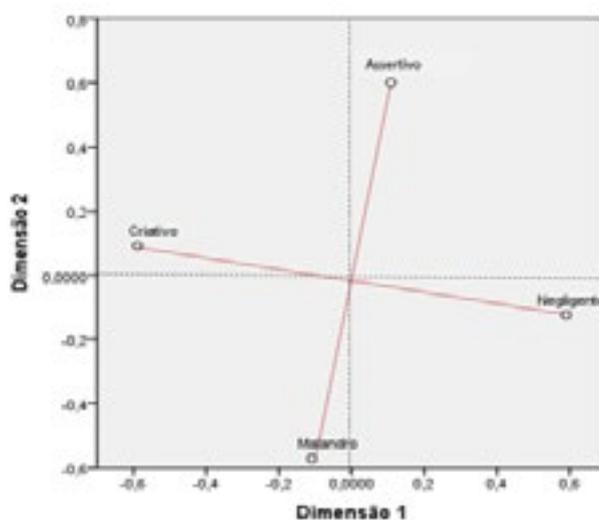
**Tabela 3** – Dimensões e Índices de Ajuste do Modelo das HCBs

Tipo de Comportamento	Dimensões (Coordenadas Finais)		Estatísticas Descritivas				
	1	2	Média	DP	EP	Min-Max	IC 95%
Assertivo	0,601	0,108	30,10	5,58	0,25	13 - 44	29,10 - 30,60
Negligente	-0,123	0,590	29,64	3,50	0,16	17 - 40	29,33 - 29,96
Criativo	0,093	-0,589	28,86	3,63	0,16	20 - 40	28,54 - 29,19
Malandro	-0,570	-0,109	21,38	4,21	0,19	12 - 39	21,01 - 21,76
Índices de Ajuste Geral do Modelo Dimensional	Stress Bruto Normalizado						0,02124
	S-stress						0,08242
	Coeficiente de Congruência de Tucker						0,98932
	Dispersão contabilizada para (D.A.F.)						0,97876

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do EMD, foram estabelecidas a dimensão 1 (orientação) e a dimensão 2 (disposição). As leituras das coordenadas finais indicam que, na dimensão 1, os comportamentos Assertivo (0,60) e Malandro (-0,57) se mostram estruturalmente opostos, tendo o primeiro uma variação positiva

e o segundo uma variação negativa dentro da dimensão correspondente. O mesmo ocorre na dimensão 2, em que os comportamentos Negligente (0,59) e Criativo (-0,58) se mostram estruturalmente opostos. Esta estrutura dimensional pode ser visualizada espacialmente na Figura 1.



**Figura 1** - Estrutura Dimensional dos Tipos de Comportamento das HCBs

A dimensão 1 se caracteriza pela orientação comportamental positivo/negativo, indicando

o norteamento para uma tomada de decisão baseada por um forte senso ético-moral associado à

formalidade social/legal/institucional (Assertivo) ou pela esperteza e informalidade associada à necessidade de obtenção de vantagens a qualquer custo (Malandro). Sendo comportamentos opostos, os comportamentos Assertivo e Malandro são excludentes entre si. Isto é, os dois não podem ser preferidos em níveis contíguos em relação à mesma situação, pois representam extremos comportamentais (p. ex., introvertido/extrovertido, bem/mal, quente/gelado). Assim, caso um indivíduo escolhesse tomar uma decisão extremista (positiva), é possível que ele dificilmente tomasse uma decisão oposta (negativa) a que escolheu inicialmente, tendendo a preferir decisões mais parecidas com o extremo escolhido.

Os dados corroboram esta hipótese: em apenas 2% das respostas, um indivíduo que marcou 4 (quatro) em um item que representava um comportamento malandro marcou 3 (três – score contíguo) em um item de comportamento assertivo; e em apenas 0,4% das respostas um indivíduo que marcou 4 (quatro) em um item que representava um comportamento assertivo marcou 3 (três – score contíguo) em um item de comportamento malandro.

Nos casos em que um indivíduo marcou 4 (quatro) no item representado por um comportamento Malandro e marcou 3 (três – score contíguo) no item de comportamento Assertivo, analisa-se que, às vezes, um comportamento assertivo pode ser utilizado somente por ser vantajoso. Por exemplo, em uma situação de acidente de trânsito (historieta 5) em que o indivíduo está correto e o infrator não tem seguro e deseja fazer um acordo, este endossa que *"eu posso até não chamar a polícia, mas vou fazer o infrator me pagar de algum jeito. Eu faço ele me pagar"* (comportamento malandro); mas na impossibilidade de fazer o infrator pagar, o respondente opta automaticamente para o comportamento assertivo, *"eu chamo a polícia e faço um boletim de ocorrência"*. Isto é, se o indivíduo não pode sair em vantagem substancial, ele vai agir corretamente apenas para prejudicar o infrator e obter a sua vantagem.

A dimensão 2 se caracteriza pela disposição comportamental passivo-ativo, indicando impru-

dência, desleixo e omissão aos comportamentos de outrem (Negligente), ou por um forte senso de proatividade ao contornar dificuldades, facilitar situações ou resolver problemas (Criativo). Nos casos em que um indivíduo apresenta um comportamento prioritariamente (a) criativo e negligente ou (b) negligente e criativo, a sua orientação é melhor avaliada pelo comportamento rejeitado (de menor endosso). Visto que os comportamentos negligentes e criativos representam opostos não extremistas, há uma tendência que recebam mais valores intermediários (scores 2 ou 3). Os dados corroboram esta hipótese: em 60% das respostas, itens que representavam os comportamentos negligente e criativo receberam score 2 ou 3 associadamente.

## Discussão

Os resultados dos Estudos 1 e 2 se complementam na compreensão do fenômeno do Jeitinho Brasileiro sob 4 (quatro) tipos de comportamentos, aqui nomeados por: Assertivo, Negligente, Criativo e Malandro. Apesar das dificuldades de validação de medidas ipsativas com técnicas da teoria clássica dos testes, o instrumento baseado em historietas demonstrou consistência teórico-empírica e o modelo proposto para os tipos de comportamento foi confirmado pelo EMD, corroborando os 4 (quatro) tipos de comportamento em duas dimensões: (1) orientação positivo-negativo e (2) disposição passivo-ativo.

Uma vez que a medida ipsativa identifica, concomitantemente, o traço latente mais forte e o traço latente mais fraco, é possível inferir que os comportamentos Assertivo (orientação positiva) e Negligente (disposição passiva) caracterizam a amostra de modo mais determinante, sugerindo uma tendência por um comportamento mais conservador e prudente, embora apresente uma grande permissividade diante do Jeitinho, provavelmente sob a crença de que este é um tipo de comportamento natural e típico do cotidiano brasileiro. Ainda, esses dois comportamentos parecem manter maior consistência do que os comportamentos criativos e malandros, o que corrobora o Jeitinho como um comportamento

ambíguo e multifacetado.

Depreende-se que o padrão comportamental proposto pelo instrumento se alinha parcimoniosamente às duas dimensões básicas bipolares, pois os graus de intensidade entre as dimensões se traduzem em perfis individuais. A preferência por um comportamento mais ativo que passivo ou a preferência por um comportamento mais positivo do que negativo não se configura necessariamente em comportamentos observáveis, mas em como um indivíduo tenderá a se posicionar (tomar decisões) em determinadas situações cotidianas.

### Conclusão e limitações

Este estudo teve por objetivo desenvolver um instrumento para o mapeamento de tomadas de decisão individuais por meio de historietas (cenários hipotéticos cotidianos) relacionadas ao Jeitinho Brasileiro. A operacionalização das historietas em uma medida ipsativa demonstrou ser uma opção alternativa viável e funcional às escalas tipo *Likert*, com possibilidade de mensuração psicológica baseada na comparação interindividual.

De tal modo, o estudo fornece uma ferramenta complementar em uma perspectiva específica para os comportamentos sob a ótica do Jeitinho Brasileiro. Para além das vantagens de uma medida ipsativa teoricamente fundamentada que apresenta evidências de validade, as HCBs propõem um modelo de análise que não leva em consideração apenas a distinção entre características positivas (p. ex., empatia) e negativas (p. ex., malandragem) do Jeitinho, mas também distingue a predisposição individual para agir permissivamente ou proativamente em relação ao Jeitinho – ressaltando aqui o ineditismo e a funcionalidade do instrumento.

Como limitação deste estudo, vale destacar o escopo restrito das investigações realizadas, visto que as HCBs não foram comparadas com outros instrumentos sobre o Jeitinho e a relação com outros constructos possivelmente subjacentes (p. ex., valores humanos, desengajamento moral, dominância social, crenças no mundo justo etc.)

não foram testadas. Evidências relacionadas ao construto são apresentadas, porém, sem a exploração de indicadores de validade convergente, divergente ou preditiva.

Portanto, o modelo proposto para explicação dos comportamentos do Jeitinho neste estudo ainda precisa ser melhor investigado e sua estrutura aprofundada, para se ter um posicionamento mais concreto acerca de sua teorização. Assim, pretender-se-á avançar em agendas de pesquisa que testem as HCBs a partir da Teoria de Resposta ao Item (TRI), que tem se mostrado promissora na análise de medidas ipsativas, conforme sugerem algumas pesquisas (p. ex., Brown & Maydeu-Olivares, 2013; Hontangas et al., 2016).

### Referências

- Almeida, A. C. (2007). *A cabeça do brasileiro*. Record.
- Amado, G., & Brasil, H. V. (1991). Organizational behaviors and cultural context: the Brazilian "jeitinho". *International Studies of Management and Organization*, 21(3), 38-61. <http://doi.org/10.1080/00208825.1991.11656561>
- Barbosa, L. (2006). *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*. Elsevier.
- Barlach, L. (2013). O Jeitinho Brasileiro: traço da identidade nacional? *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 3(2), 228-245.
- Baron, H. (1996). Strengths and limitations of ipsative measurement. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 69, 49-56. <http://doi.org/10.1111/j.2044-8325.1996.tb00599.x>
- Borg, I., & Groenen, P. J. F. (2005). *Modern multidimensional scaling: theory and applications* (2nd ed.). Springer.
- Brown, A., & Maydeu-Olivares, A. (2013). How IRT can solve problems of ipsative data in forced-choice questionnaires. *Psychological Methods*, 18(1), 36-52. <http://doi.org/10.1037/a0030641>
- DaMatta, R. (1990). *Carnavais, malandros e heróis*. Guanabara.
- Duarte, F. (2006). Exploring the interpersonal transaction of the Brazilian jeitinho in bureaucratic contexts. *Organization*, 13(4), 509-527. <http://doi.org/10.1177/1350508406065103>
- Duarte, F. (2011). The strategic role of charm, simpatia and jeitinho in Brazilian society: a qualitative study. *Asian Journal of Latin American Studies*, 24(3), 29-48.
- Dunlap, W. P., & Cornwell, J. M. (1994). Factor analysis of ipsative measures. *Multivariate Behavioral Research*, 29(1), 115-126. [http://doi.org/10.1207/s15327906mbr2901\\_4](http://doi.org/10.1207/s15327906mbr2901_4)

- Fernandes, R. A., & Hanashiro, D. M. M. (2015). Explorando aspectos indígenas da gestão numa organização financeira: jeitinho e sociedade relacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(3), 328-347. <http://doi.org/10.1590/1982-7849rac20151922>
- Fernandes, D. M., Perallis, C. G., & Pezzato, F. A. (2015). Creativity, Brazilian "jeitinho," and cultural practices: a behavioral analysis. *Behavior Analysis: Research and Practice*, 15(1), 28-35. <http://doi.org/10.1037/h0101067>
- Ferreira, M. C., Fischer, R., Porto, J. B., Pilati, R., & Milfont, T. L. (2012). Unraveling the mystery of Brazilian Jeitinho: a cultural exploration of social norms. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(3), 331-344. <http://doi.org/10.1177/0146167211427148>
- Fischer, R., Ferreira, M. C., Milfont, T., & Pilati, R. (2014). Culture of corruption? The effects of priming corruption images in a high corruption context. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 45(10), 1594-1605. <http://doi.org/10.1177/0022022114548874>
- Flach, L. (2012). O jeitinho brasileiro: analisando suas características e influências nas práticas organizacionais. *Gestão & Planejamento*, 12(3), 499-514.
- Freire, D. A. L., Lopes, V. R., & Martins, R. M. (2018). É jeitinho, malandragem ou corrupção? A percepção dos atuais e futuros gestores da geração y sobre as condutas ilícitas cotidianas e organizacionais. *Revista Expectativa*, 17(1), 168-182.
- Gächter, S., & Schulz, J. F. (2016). Intrinsic honesty and the prevalence of rule violations across societies. *Nature*, 531(7595), 496-499. <http://doi.org/10.1038/nature17160>
- Garrett, N., Lazzaro, S. C., Ariely, D., & Sharot, T. (2016). The brain adapts to dishonesty. *Nature Neuroscience*, 19(12), 1727-1732. <http://doi.org/10.1038/nn.4426>
- Gino, F., & Ariely, D. (2012). The dark side of creativity: original thinkers can be more dishonest. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(3), 445-459. <http://doi.org/10.1037/a0026406>
- Gnoato, G. (2014). A lei do "jeitinho brasileiro": um estudo longitudinal. *Revista do Instituto do Direito Brasileiro (RIDB)*, 3(5), 3439-3461.
- Greer, T., & Dunlap, W. P. (1997). Analysis of variance with ipsative measures. *Psychological Methods*, 2(2), 200-207. <http://doi.org/10.1037/1082-989X.2.2.200>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2019). *Multivariate data analysis* (8th ed.). Cengage Learning.
- Hennink, M., & Kaiser, B. N. (2021). Sample sizes for saturation in qualitative research: a systematic review of empirical tests. *Social Science & Medicine*, 292, 114523. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114523>
- Hofstede, G., Hilal, A. V. G. de, Malvezzi, S., Tanure, B., & Vinken, H. (2010). Comparing regional cultures within a country: lessons from Brazil. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 41(3), 336-352. <http://doi.org/10.1177/0022022109359696>
- Hontangas, P. M., Leenen, I., De La Torre, J., Ponsoda, V., Morillo, D., & Abad, F. J. (2016). Traditional scores versus IRT estimates on forced-choice tests based on a dominance model. *Psicothema*, 28(1), 76-82. <http://doi.org/10.7334/psicothema2015.204>
- Leichsenring, I. M. F. (2014). A universidade corrupta: o jeitinho brasileiro de se fazer ciência. *Revista Espaço Acadêmico*, 13(152), 1-16.
- Lima, D. M. da C., Fraga, V. F., & Oliveira, F. B. de (2016). O paradoxo da reforma do Judiciário: embates entre a nova gestão pública e a cultura organizacional do jeitinho. *Revista de Administração Pública*, 50(6), 893-912. <http://doi.org/10.1590/0034-7612152761>
- Lorenzo-Seva, U., & ten Berge, J. M. F. (2006). Tucker's congruence coefficient as a meaningful index of factor similarity. *Methodology*, 2(2), 57-64. <http://doi.org/10.1027/1614-2241.2.2.57>
- Meade, A. W. (2004). Psychometric problems and issues involved with creating and using ipsative measures for selection. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 77, 531-552. <http://doi.org/10.1348/0963179042596504>
- Miura, M. A., Pilati, R., Milfont, T. L., Ferreira, M. C., & Fischer, R. (2019). Between simpatia and malandragem: Brazilian jeitinho as an individual difference variable. *PLoS One*, 14(4), e0214929. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0214929>
- Moraes, A. F. G. de, Gomes, D. C., & Helal, D. H. (2016). Brazilian jeitinho and culture: an analysis of the films *Elite Squad 1* and *2*. *Revista de Administração Mackenzie*, 17(3), 84-104. <http://doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n3p84-104>
- Motta, F. C. P., & Alcadipani, R. (1999). Jeitinho brasileiro, controle social e competição. *Revista de Administração de Empresas*, 39(1), 6-12. <http://doi.org/10.1590/S0034-75901999000100002>
- Nishioka, S. A., & Akol, D. (2019). Jeitinho as a coping strategy used by Brazilian international students for acculturative stress. *Journal of International Students*, 9(3), 815-833. <http://doi.org/10.32674/jis.voi0.675>
- Pasquali, L. (2013). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação* (5th ed.). Vozes.
- Pedroso, J. P. P., Massukado-Nakatani, M. S., & Mussi, F. B. (2009). A relação entre o jeitinho Brasileiro e o perfil empreendedor: possíveis interfaces no contexto da atividade empreendedora no Brasil. *Revista de Administração Mackenzie*, 10(4), 100-130. <http://doi.org/10.1590/S1678-69712009000400006>
- Pereira, O. S. (2015). A negatividade fenomenológica do "jeitinho brasileiro" contida no ser corrupto dentro da administração pública. *Clareira*, 2(2), 145-162.
- Pilati, R., Milfont, T. L., Ferreira, M. C., Porto, J., & Fischer, R. (2011). Brazilian jeitinho: Understanding and explaining an indigenous psychological construct. *Interamerican Journal of Psychology*, 45(1), 29-38.

Ramirez-Esparza, N., Gosling, S. D., & Pennebaker, J. W. (2008). Paradox lost: unraveling the puzzle of simpatia. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 39(6), 703-715. <http://doi.org/10.1177%2F0022022108323786>

Souza, G. H. S., Coelho, J. A. P. de M., Lima, N. C., & Queiroz, J. V. (2014). Marketing informal: Um modelo de comercialização pautado em jeitinho brasileiro, informalidade e empreendedorismo. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(3), 63-77. <http://doi.org/10.5585/remark.v13i3.2703>

Velho, G. (2003). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social* (8th ed.). Jorge Zahar Ed.

Vieira, C. A., Costa, F. L., & Barbosa, L. O. (1982). O "jeitinho" brasileiro como um recurso de poder. *Revista de Administração Pública*, 16(2), 5-31.

Welter, G. M-R., & Capitaio, C. G. (2007). Medidas ipsativas na avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 6(2), 157-165.

Zimmermann, A. (2009). Law and society in Brazil: the prevailing perceptions of law in Brazilian society. *International Journal of Private Law*, 2(1), 15-30. <http://doi.org/10.1504/IJPL.2009.021510>

---

### Gustavo Henrique Silva de Souza

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió, AL, Brasil; especialista em Docência na Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Professor EBTT do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), em Teófilo Otoni, MG, Brasil; atualmente na função de Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação.

---

### Germano Gabriel Lima Esteves

Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió, AL, Brasil. Professor Adjunto III da Universidade de Rio Verde (UnRV), em Rio Verde, GO, Brasil.

---

### Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho

Doutor e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Associado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió, AL, Brasil.

---

### Nilton Cesar Lima

Doutor e mestre em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Tecnologia e Desenvolvimento pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Bolsista de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial do CNPq (nível A). Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Uberlândia, MG, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Gustavo Henrique Silva de Souza

R. Prof. Monteiro Fonseca, 216

Vila Brasília, 39400-149

Montes Claros, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*